

A
1.0

Negociações de paz **Governo e Renamo abordam questões militares**

por Tomás Vieira Mário, da AIM em Roma

Delegações do Governo moçambicano e da Renamo encontram-se hoje na sede da Comunidade de S. Egidio, para retomarem as negociações de paz para Moçambique, que permaneciam interrompidas desde Março último.

Nesta décima primeira sessão negocial, as duas partes deverão finalmente discutir questões militares, cuja conclusão vai culminar com o acordo final de cessar-fogo, na guerra de dezassete anos que já fez um milhão de mortos.

Além das equipas que discutiram a parte política da agenda nos debates que se prolongam desde Julho de 1990, desta vez as duas partes trazem oficiais dos respectivos exércitos.

A componente militar do Governo integra cinco oficiais superiores do Exército, encabeçados pelo Major-General Tobias Dai.

A delegação sempre chefiada pelo Ministro dos Transportes e Comunicações, Armando Guebuza, integra ainda, e também pela primeira vez, o Ministro Sem Pasta Mariano Matsinha. Matsinha ocupava, até à relativamente pouco tempo a pasta da Segurança.

A delegação da Renamo, encabeçada pelo chefe do Departamento de Organização Raul Domingos integra ainda seis membros das forças do movimento presidido por Afonso Dhlakama.

Segundo apurou a AIM em Roma, está confirmada a participação de representantes da França e da Grã-Bretanha, que deverão chegar a Roma ainda esta semana. A delegação dos observadores portugueses, que segundo informações não confirmadas já se encontra em Roma, é encabeçada por António Sennfelt, alto funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros, integrando também os coronéis Ataíde Montês e Francisco Roque.

Segundo a prática habitual, no primeiro encontro de hoje as delegações do Governo e da Renamo deverão concretizar os assuntos de arranque dos debates, no quadro do ponto relativo às questões militares.

Uma fonte da delegação governamental referiu à AIM que, nesta sessão, vai adiantar "propostas concretas" relativas ao enquadramento dos quatro países convidados para observarem as discussões, de forma a que fique estabelecida uma "mecânica que possibilite a maior valorização possível das suas contribuições".

A ronda vai, contudo, começar num ambiente marcado por uma aparente ausência oficial do Governo italiano, pelo menos com o peso que a presença de países observadores poderia sugerir. Acontece mesmo que, o próprio coordenador da mediação, Mario Raffaelli, até ao cair da noite de ontem não tinha chegado a Roma, proveniente da Ásia Central, onde é também mediador do conflito fronteiriço de Nagorno-Karabakh, entre o Azerbaijão e a Arménia.